

A representação social do personagem surdo na turma da Mônica

The social representation of the deaf character in Monica's gang

Cleudinea Paurá SILVEIRA¹

Resumo

Os estudos científicos focalizados na representação social contribuem para a compreensão acerca de como se constrói, no imaginário de cada um, o senso comum. Aborda-se tal problemática dentro do campo das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Analisa-se a maneira como o personagem surdo é representado nos episódios, pois existe a hipótese de que a transformação do personagem se deve ao reflexo da visibilidade das políticas de inclusão e legislação assimiladas pelo autor, Maurício de Sousa. A investigação é embasada pela Teoria da Representação Social e o *corpus* da pesquisa é constituído por três exemplares das revistas e por tirinhas colhidas do acervo digital de um jornal e de um site específico em HQs. Identifica-se que o olhar do autor foi se moldando a cada episódio, tornando o personagem mais significativo, entretanto a cada narrativa, nota-se, a construção da representação do sujeito surdo sempre gira em torno do fato do personagem não possuir uma língua oral.

Palavras-chave: Representação social. Surdo. Senso comum. Turma da Mônica.

Abstract

Scientific studies focused on social representation contribute to the understanding of how common sense is built in the imagination of each one. This problem is addressed within the field of the Monica's Gang comics. The way in which the deaf character is represented in the episodes is analyzed, since it is hypothesized that the transformation of the character is due to the reflection of the visibility of the inclusion policies and legislation assimilated by the author, Maurício de Sousa. The investigation is based on the Social Representation Theory and the research *corpus* consists of three copies of the magazines and comic strips collected from the digital collection of a newspaper and a specific website on comics. It is identified that the author's look was shaping up in each episode, making the character more significant, however, in each narrative, it is noted that the construction of the representation of the deaf subject always revolves around the fact that the character does not have an oral language.

Keywords: Social representation. Deaf. Common sense. Monica's Gang.

¹Especializanda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do Grupo de Pesquisa Tecnologia e Ensino (UFMA). E-mail: paurasilveira@gmail.com

Introdução

Nas histórias em quadrinhos são narrados acontecimentos reais ou fictícios, onde o autor faz uso de textos e imagens e, a partir desses recursos, ele retrata os personagens em um tempo e um espaço. Geralmente, utiliza saberes, modos de vida, normas e valores culturais; o cotidiano de uma sociedade ou um determinado grupo, pois as narrativas apresentadas estabelecem as apropriações de ideias e conceitos tidos como “verdades” que são ou podem vir a ser aceitos como reais.

O interesse para desenvolver este estudo de caráter qualitativo e explicativo, cujo propósito é identificar a razão da ocorrência dos fenômenos (GIL, 2008), partiu da descoberta de um personagem surdo nas histórias da turma da Mônica, chamado Humberto, criado por Maurício de Sousa Produções². A partir dessa descoberta, teve-se a curiosidade de analisar alguns episódios para saber de que forma a pessoa surda é representada nessa revista de quadrinhos, e por que o Humberto demorou a ser definido como surdo.

Essa indefinição dá margem para várias concepções dos leitores em relação ao personagem: uns comentam que tem paralisia cerebral, outros focam na deficiência da fala ou “mudinho” e até afirmam que ele é ouvinte. A ideia que se tem é de que as pessoas vão construindo seus conceitos e mitos em relação ao personagem desconhecido por muitos, exatamente por conta dessa ausência de identidade por parte do autor.

Nas edições a serem exploradas, presume-se a transformação da visão do cartunista em relação ao surdo, imagina-se que seja por conta da legislação, até porque levou certo tempo para que este olhar fosse se moldando devido à demorada assimilação da legislação. Sobretudo, o foco é observar como a representação feita através do senso comum enraizado na sociedade constrói visões representativas de quem é o outro e conseqüentemente essas ideias trazem barreiras, dificultando que o sujeito exerça sua cidadania plenamente.

Faz-se uso na investigação proposta de exemplares dos HQs da Turma da Mônica e de jornal digitalizado do acervo Folha de São Paulo. A fundamentação teórica ancora-se na Teoria das Representações Sociais, uma vez que esta teoria ilumina o contexto

² Razão social fundada por Maurício Araújo de Sousa.

de produção dos quadrinhos, ajudando a compreender o imaginário social no que diz respeito a um determinado assunto. Ademais, mencionam-se a Lei nº10. 436/2002, cuja formulação refere-se à Língua Brasileira de Sinais, e o decreto nº 5.626/2005, o qual vem assegurando os direitos, conceituando e identificando o indivíduo surdo.

Contextualização histórica dos quadrinhos

Mas o que realmente vêm a ser histórias em quadrinhos? Em nosso imaginário, quando se pensa sobre as HQs logo vem a ideia de trabalhar com balões, com ou sem falas, todos na sequência, evidenciando um acontecimento. Para responder este questionamento, Mccloud (1995, p.9) nos apresenta a seguinte definição: “imagens pictóricas³ e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. A partir dessa visão, percebemos que os quadrinhos são fontes de informações, a fim de instigar os leitores a refletirem sobre algum fenômeno social em um determinado tempo-espaço, emanando em cada leitor, não somente respostas, mas concepções acerca de um determinado fenômeno.

Há muitas indefinições sobre quem realmente foi o criador dos quadrinhos, mas nas opiniões de Aizen e Scott Mccloud, conforme ressalta Pessoa (2006), a ideia de trabalhar com imagens sequenciais vem de um tempo bem remoto, ou seja, desde os chamados tempos pré-históricos, mesmo sem possuir escrita, o homem já narrava seu cotidiano através das imagens expostas nas paredes de cavernas. Mas analisando essa questão da autoria na idade contemporânea, Pessoa (2006, p.10), em sua dissertação de mestrado, nos relata por meio do comentário do editor da Conrad⁴ ROGÉRIO DE CAMPOS⁵, que:

Os livros norte-americanos nem têm dúvida: a primeira História em Quadrinhos é o Yellow Kid, criada em 1895 por Richard F. Outcault. Mas a Inglaterra apresenta as páginas desenhadas por Gilbert Dalziel em 1884, como prova de que os Quadrinhos são uma invenção inglesa. Os alemães podem afirmar que os dois primeiros heróis dos Quadrinhos surgiram em 1865 na Alemanha: foi Max e Moritz, de

³Relativo à pintura e imagens.

⁴ Editora brasileira especializada em quadrinhos japoneses.

⁵ Escritor, tradutor e editor brasileiro.

Wilhelm Busch. Mas, por outro lado, os espanhóis podem falar dos Quadrinhos de Goya, do início do século XIX. No Brasil orgulhamos-nos do ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, que inventou os Quadrinhos em 1884. Mas alguns diversionistas sustentam que Agostini teria sido precedido por Henrique Fleiuss e seu Dr. Semana “(Prefácio de Fealdade de Fabiano Gorila – Marcelo Gaú)”.

Diante disso, podemos perceber que no Brasil a presença dessa arte teve representantes pelo menos desde o final do período imperial, mesmo diante das divergências entre os estudiosos da área; o que importa é que havia leitores que consumiam essa junção de imagem e texto. No tocante ao pioneirismo do ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, Moya (1987) comenta que o referido desenhista criou, em 1867, na cidade de São Paulo, o que seriam as primeiras histórias ilustradas, denominadas de “As Cobranças”, para a revista “Cabrião”, e em 1869 vieram as aventuras de Nhô-Quim. Como o objetivo deste artigo limita-se à análise da representação social do personagem surdo Humberto, da Turma da Mônica, não cabe prosseguir nessa incursão pela origem dos quadrinhos em território brasileiro; fazendo-se necessário avançar à segunda metade do século XX, momento em que se dá a estreia de Maurício de Sousa no gênero textual aqui focalizado.

A Estreia de Maurício de Sousa na panorâmica dos quadrinhos

Embora na atualidade os textos jornalísticos tenham sido transportados para o meio digital, o jornal impresso configura-se historicamente como o veículo de informação mais popular, logo as tirinhas representam fonte de entretenimento em massa. Segundo Costa (2014), esse tipo de texto aparece na faixa horizontal na seção dos quadrinhos; já para Ramos (2014), o fato de as tiras se localizarem nessa parte faz com que esse gênero textual seja nomeado dessa forma.

E foi em meios às tiras que surgiu o trabalho de Mauricio Araújo de Sousa. Visualizando as informações divulgadas no site da Folha de São Paulo⁶, Constata-se que o cartunista começou sua carreira nesse mesmo veículo comunicativo em 1950 e nove anos depois, em 1959, a “Ilustrada” publicou a

⁶ Início da carreira . Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/10/1698716-nos-80-anos-de-mauricio-de-sousa-conheca-8-curiosidades-sobre-o-cartunista-e-seus-personagens.shtml>. Acesso em 15 out. 2017.

primeira tirinha do Mauricio, cujos personagens Bidu e Franjinha ali apareceram pela primeira vez.

Na pesquisa de Vergueiro (1999b), verificamos que no final dessa década Maurício de Sousa obteve da editora Continental uma grande chance de estreiar sua primeira revista. E, assim, publicou a revista *Bidu* em preto e branco. Nessa oportunidade, ele cria outros personagens secundários para fazerem parte das aventuras do cachorro Bidu e seu dono Franjinha, e é nessa situação que surge o personagem Humberto: sujeito alvo dessa pesquisa.

Representação do surdo nas historinhas

A Teoria das Representações Sociais surge em 1961, por meio do psicólogo social *Serge Moscovici*, em sua obra intitulada *Psicanálise, sua imagem e seu público*⁷, cuja intenção é clarificar a construção dos saberes sociais. A base para desenvolver essa teoria partiu da representação coletiva de Durkheim que se preocupava apenas em estudar os fenômenos coletivos sem considerar aqueles que acontecem com cada indivíduo. Compreendendo a relação entre indivíduo e sociedade, Oliveira e Werba (2013) evidenciam que Moscovici não estabeleceu de forma definitiva o conceito sobre a Representação Social, no entanto lançou as ideias iniciais a respeito desse pressuposto:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, p. 181 *apud* OLIVEIRA; WERBA, 2013, p. 92).

A partir deste pensamento, percebe-se que a comunicação na representação social tem o papel fundamental na construção de um objeto ou de um sujeito. É por meio dela que as conversações vão fluindo, fazendo com que a representação seja uma construção facultada pela linguagem. Segundo Guareschi (2007, p. 20), “os meios de comunicação de massa, particularmente, têm sido um objeto de investigação para a teoria”. Ancorado

⁷ Obra original: *La psychanalyse, son image, son public*.

a isto, observa-se que as HQs são territórios férteis para se compreender como o senso comum, que é o produto-base das representações sociais, acontece na sociedade. Diante destes pressupostos teóricos, conclui-se que a TRS é adequada para analisar a forma como o personagem surdo da turma da Mônica é representado pelo autor. Portanto, é necessário tomar a trajetória do personagem ao longo das últimas décadas como ponto de partida para a investigação proposta.

Buscando encontrar evidências sobre a origem do personagem surdo no contexto das tirinhas do jornal impresso, comprovou-se que Humberto, na verdade, não nasceu nos rodapés desse veículo comunicativo, pois ao pesquisar nos arquivos digitais da Folha de São Paulo⁸, nesse período, não localizamos nenhum indicio sobre tal personagem. No site da Turma da Mônica,⁹ também não há nenhum vestígio da estreia dele. Dito isto, considero que o seu surgimento ocorreu no episódio “ O ovo da discórdia”, história inserida na primeira revista impressa do *Bidu*, em 1959; reeditada em setembro de 2009 em comemoração ao cinquentenário do cachorro Bidu, que, inicialmente, deu nome à publicação.

Percebe-se que na história, Humberto foi criado apenas como personagem secundário, mesmo porque os protagonistas são Bidu - o cachorro azul - e Franjinha, que é o dono do animal. No desenvolver de cada situação, é visível que o surdo é representado de forma pacífica, muito quieto, enquanto que os outros meninos brincam, conversam e até brigam, ou seja, interagem entre si; porém, apesar de seu “hum”, ele é o único que não expressa nenhuma reação ao longo das brincadeiras com os amigos, como se não percebesse o que está acontecendo ao seu redor.

⁸ <https://acervo.folha.com.br/index.do>.

⁹ <https://turmadamonica.uol.com.br/home/#home>.

Imagem 1- Episódio “O ovo da discórdia” primeira aparição de Humberto



Fonte: reedição da revista nº 1 do Bidu, 2009.

Além de Humberto, é criado mais um personagem, o Jeremias. É interessante observar que o quadrinista, ao criar sua história, coloca características específicas em cada um dos sujeitos: o Titi, com seus dois dentes grandes na frente; o Jeremias, com o seu boné; e o Humberto, expressando somente “hum” “hum”, atributo principal dele.

Estas características acabaram se transformando em uma espécie de marca registrada de cada personagem da turma da Mônica; desse modo, os leitores acabam por identificá-los pelas suas características, sendo um dos grandes exemplos a própria Mônica, que ficou conhecida por intermédio de seus famosos “dentões”.

Desde a sua criação, entre suas poucas aparições, o personagem Humberto era representado e conhecido apenas pela característica já mencionada, isto é, não possuía um nome que o identificasse. Até que no dia 23 de abril de 1961, em uma tirinha publicada na Folha de São Paulo¹⁰, Maurício faz a primeira referência ao nome Humberto.

¹⁰ Primeira citação do nome do personagem. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=408&anchor=4504558&origem=busca&originURL=&pd=11021ad5055faa30085a491804ff76c0>. Acesso em: 15 out. 2017.

Imagem 2- Primeira referência ao nome Humberto



Fonte: acervo digital Folha de S. Paulo, 1961.

Na historinha, Titi o chama pelo nome, explicando que Franjinha dará uma surra em Cebolinha, e a única coisa que ele consegue expressar é: “hum”. É a partir deste momento que o personagem começa a ser reconhecido pelo seu próprio nome. Apesar de ser fictício, ele precisa ter um nome para legitimar sua identidade perante os leitores. Acerca disso, Lipiansky (*apud* BORGES, 2007, p.92) conceitua o termo identidade como “[...] dado que designa o que é único: distingue-se e diferencia-se irredutivelmente dos outros”, [no entanto], “qualifica igualmente o que é único, isto é, o que é perfeitamente semelhante mantendo-se distinto [...]”.

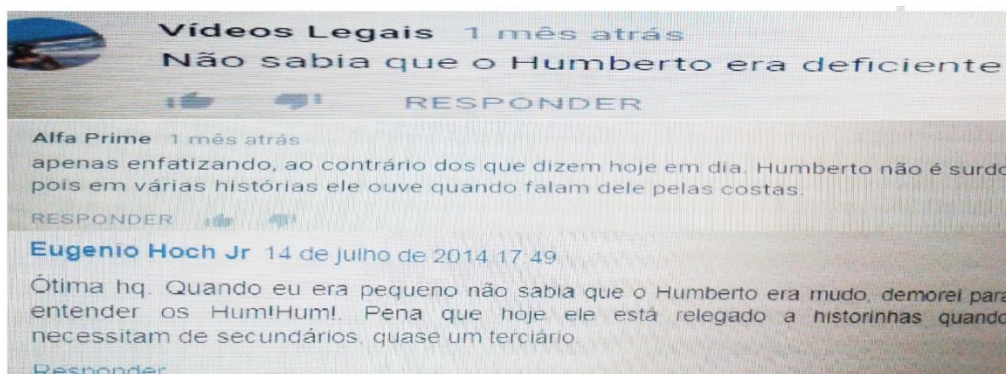
Após acompanhar a identificação do personagem nesta última aparição, é notório que existe uma particularidade que faz com que Humberto seja “diferente” dos demais. É interessante frisar que nessas duas aparições ele não usa uma comunicação clara. Surge sempre calado, como se tivesse algo que o impedisse de interagir e de falar. O restante da turma, inclusive o cachorro, usa uma língua para se expressar, porém Humberto continua com o mesmo “hum”.

Desde a criação, as aparições do personagem giram em torno de uma especificidade, a de que ele teria surdez. Porém, por que o seu criador deixa esse fato obscuro? Na época em que ele foi criado, no Brasil, ainda não existia nenhuma referência legal ao sujeito deficiente; a primeira menção foi no *Art.175*, §4º, na emenda constitucional nº 1 de 1969, que diz o seguinte: “Lei especial disporá sobre a assistência à maternidade, à infância e à adolescência e sobre a educação de excepcionais” (BRASIL,1969, p.23).

Assim, a terminologia excepcional usada na época, generalizava todos os indivíduos com algum tipo de deficiência. Então, pode-se deduzir que o autor, quando

criou o personagem, ainda não tinha um olhar tão amplo sobre as deficiências e este fato incidu diretamente na visão de muitos leitores da revista, pois até hoje desconhecem qual é a especificidade do personagem surdo, tendo assim várias percepções em relação a ele, tais como: surdo, mudo, ouvinte e deficiente, conforme lemos nos comentários retirados de um canal do You Tube¹¹ e um Blog ¹². Somente depois de muito tempo é que foram compreender quem era Humberto.

Imagem 3- Conversas de leitores sobre Humberto



Fontes: canal tudo sobre a turma da Mônica e turma da Mônica.blogspot

Na década de 1980, Humberto passou de personagem coadjuvante para protagonista e ganhou do desenhista o direito de ter suas próprias histórias; com isso, foi ganhando mais notoriedade na Turma da Mônica, mas apesar disso o autor aproveita para fazer um certo humor devido à falta de fala do surdo.

No Episódio “Humberto em: Vendendo sorvetes”, ele ganha autonomia e é convidado pelo sorveteiro do bairro onde mora para vender sorvete em seu lugar e, enquanto este vai resolver algo, Humberto automaticamente sai pelas ruas “anunciando”, por meio de seu “hum” “hum”, os produtos.

¹¹Canal tudo sobre a Turma da Mônica. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zavKC6olsTk&list=PLwdEWy_e6Zd8VHhpOZ1uOf6Iw3rBABjno&index=13 . Acesso em 13 mar. 2018.

¹²Arquivos Turma da Mônica.blogspot.com. Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2014/07/humberto-hq-vendendo-sorvetes.html#comment-form> . Acesso em: 5 abr. 2017.

Imagem 4 - Vendendo sorvete



Fonte: almanaque do Cebolinha, reedição, 1990.

Neste momento, o personagem é alvo de olhares espantados da população do bairro, conseqüentemente devem imaginar: “o que será que ele está anunciando?” ou “como é que ele consegue vender sem falar? ”; mesmo Humberto não conseguindo obter êxito na comunicação, ele consegue se relacionar de alguma forma com a sua clientela. Quanto a isto, Jovchelovitch (2007) esclarece que a esfera pública, que é lugar propício para a alteridade, serve de base para que as representações sociais possam ser estabelecidas e cultivadas, pois é nesse espaço que as pessoas se encontram para vivenciar suas práticas cotidianas.

No segundo quadro, Humberto consegue vender os picolés; porém, por falta de percepção da surdez e a ausência de um diálogo claro entre os dois, a interlocutora o chama de “tadinho” e “míope”. Para Moscovici (2007), esse fenômeno ocorre dentro das representações sociais, a partir da existência de duas faces produzidas pela linguagem: a icônica e a simbólica. A primeira é o significante e a segunda é a junção do significante e significado, isto é, naturalmente ela associa a imagem do personagem a uma ideia dirigida a ele em forma de adjetivos pejorativos.

Em 24 de abril de 2002 foi o ano em que o governo federal sancionou a Lei nº 10.436, que apresenta a língua brasileira de sinais e expõe o seguinte texto: “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002, p.23). Entretanto, mesmo com a implantação do dispositivo legal, a situação do personagem, que desde sua criação sobreviveu se comunicando através de seu “hum” “hum”, somente começou a mudar a partir de 2006, quando Maurício de Sousa resolve criar o episódio “Humberto em: Aprendendo a falar com as mãos.”

Tudo começa quando Humberto ensina a Libras, a língua brasileira de sinais, para a turma. Primeiramente, ele sinaliza¹³ um “oi” para a Magali, mas esta não processa a informação vista e nem identifica essa forma de dizer algo com as mãos; Humberto fica chateado, saindo de cena; de repente, chega Cascão e descobre o livro da língua de sinais, cujo dono é Humberto, e tanto Magali quanto Cascão ficam pasmos quando descobrem o conteúdo do livro, e resolvem socializar para o restante da turma.

É visível que os personagens neste momento ficam perplexos quando se deparam com algo novo - a Libras -, uma língua produzida pelas mãos e percebida pelos olhos. Outro fato que chama a atenção é quando Cascão afirma que Magali não poderia ter oferecido sorvete para Humberto, visto que ele não teria como responder à pergunta oralmente, situação incomum na visão do Cascão. Pois há um senso comum na sociedade de que a pessoa surda, por não possuir uma língua oral, é incapaz de se expressar por outro canal de comunicação.

Imagem 5- Episódio aprendendo a falar com as mãos.



Fonte: revista da Mônica, n. 239, 2006.

Estas situações evidenciadas acontecem no âmbito das representações sociais, por que de acordo com Moscovici (2007, pag.56) “O não familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, o familiar, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso”.

Com o decreto nº 6.949/2009, que promulgou a convenção internacional sobre os direitos da pessoa com deficiência e a Lei nº 13.146/2015, que faz referência à inclusão social, favoreceu-se a evolução do olhar da sociedade, que se tornou mais aprimorado em relação aos deficientes. A favor desta mudança social, a empresa

¹³ Termo usado como o mesmo sentido de falar.

Maurício de Sousa produções Ltda. lançou uma revista intitulada “Saiba mais”, cuja intenção é trazer mensalmente historinhas de cunho educacional, abordando um determinado tema.

A edição nº 48, lançada em agosto de 2011, realiza um discurso acerca dos personagens com deficiência que a turma da Mônica possui, e assim a personagem protagonista, Mônica, percorrendo o trajeto até à escola, expõe sobre o cotidiano dos amiguinhos, ou seja, as dificuldades que cada um vivencia. No discurso direcionado a Humberto, ela o descreve como deficiente auditivo e deficiente da fala; no entanto, o decreto nº 5.626/2005 especifica que o sujeito surdo é aquele que tem perda auditiva bilateral, seja ela parcial ou total, a partir de quarenta e um decibéis (dB) (BRASIL, 2005). Ou seja, em nenhum momento este documento faz alusão à deficiência da fala. Possivelmente, o fato de não se comunicar por meio de uma língua oral faz com que Humberto seja classificado dessa forma.

Entretanto, cada indivíduo surdo terá sua especificidade e não necessariamente será deficiente da fala, pois existem pessoas com deficiência auditiva que conseguem se comunicar oralmente, sendo que a literatura específica os identifica como surdos oralizados.

Esse processo de classificar algo ou pessoas dentro da representação social é chamado de ancoragem, mecanismo que consiste em ancorar ideias, desconhecidas do campo visionário da sociedade, e através dele, delimitam-se sujeitos ou coisas a um conjunto de comportamentos e regras que estabelece o que é, ou o que não é concedido, em relação a todos os indivíduos associados a uma determinada classe.

Imagem 6- episódio primeira parte inclusão social



Fonte: revista Turma da Mônica Saiba Mais inclusão social, n. 48, 2011

No segundo quadro, Mônica prossegue com o mesmo pensamento de senso comum, anunciando algumas ideias e saberes sobre os surdos, dentre os quais afirma que “em muitos casos, essas pessoas passam a usar aparelhos auditivos ou recorrem a cirurgias para corrigir o seu ‘problema’ e ressalta que quando isto não ocorre busca-se outras formas de se comunicar”.

Para exemplificar, aparecem duas pessoas balançando os braços e emitindo ideias como se estivessem se comunicando apenas por transmissão de pensamento. É como se na concepção do autor a Libras se resumisse apenas ao balançar de braços e gestos. O intrigante nessa circunstância é que em nenhum momento se propõe a utilização da Língua de Sinais. Já no terceiro quadro, Mônica diz que um dos métodos de aprendizado para os surdos é o gestualista, desenvolvido a partir da combinação do ensino da linguagem oral e gestual. Relacionado a isto, Moscovici (2007) explana que dentro da sociedade existem duas formas de pensamento: os reificados e os consensuais.

Assim, os pensamentos reificados tratam sobre os saberes do campo científico, que são elaborados a partir de estudos e pesquisas, adotando metodologias específicas e somente os cientistas têm propriedade para falar sobre um determinado assunto. Já os pensamentos consensuais são compostos por saberes e teorias elaborados no cotidiano da sociedade; todos os indivíduos, nesse contexto, possuem uma concepção para falar sobre todo e qualquer assunto. Todas essas concepções produzidas pelas conversações no cotidiano são responsáveis por gerar no imaginário da sociedade a ideia de que o surdo não consegue se apropriar das mesmas prerrogativas vividas pelos ouvintes.

Considerações finais

A partir da pesquisa qualitativa e explicativa averiguada através do *corpus* constituído pelas revistas da turma da Mônica, e da Teoria da Representação Social, buscou-se explorar a concepção existente no imaginário do autor e dos leitores sobre a representação social do surdo. É perceptível que a Teoria da Representação Social é uma grande aliada quando se trata de analisar e compreender como se constrói no imaginário de cada um a representação de um determinado sujeito ou objeto dentro da esfera pública. Desse modo, foi possível aclarar como o senso comum estabelecido pela sociedade participa de nosso cotidiano.

Percebe-se que desde a criação do personagem surdo, em 1959, até 2011, houve um significativo desenvolvimento do personagem, passando de aparições esporádicas para frequentes, recebendo oportunidades de ser protagonista, estreando assim suas próprias histórias. Porém, suas aparições sempre giram em torno de construções feitas a partir de sua surdez, posicionando-o em situações que não são politicamente corretas. Em contrapartida, depreende-se que a visão do autor acompanha a evolução da legislação pertinente, desenvolvendo as histórias a partir da captação deste conjunto de leis direcionadas para a inclusão social do surdo. Por intermédio das HQs, Maurício de Sousa constrói no imaginário dos leitores a necessidade de fortalecer e trabalhar a perspectiva de ampliação dos dispositivos constitucionais dirigidos aos surdos.

Referências

BORGES, Maria Paula de Almeida. **Professores:** imagens e auto-imagens. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1700>>. Acesso em 02 abr. 2017.

BRASIL, Decreto Nº 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03_ato2004-2006\2005\decreto\d5626.htm>. Acesso em: 26 dez. 2017.

BRASIL, Emenda constitucional Nº 1, de 17 de outubro de 1969. Edita o novo texto da Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 out. 1969. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3158572/pg-23-secacao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-20-10-1969>>. Acesso em: 26 de dez. 2017.

BRASIL. Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 ago. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 26 de dez. 2017.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/523572/pg-23-secacao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-25-04-2002>>. Acesso em: 26 de dez. 2017.

BRASIL. Lei 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 26 de dez. 2017.

COSTA, Sérgio Roberto, **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl. 1. reimp. - Belo Horizonte, Autêntica editora, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVICH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 63-85.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Hécio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo Makron books, 1995. título original: Understanding comics.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 404 p. Título original: Social representations: explorations in social psychology.

MOYA, Álvaro de. **A História da história em quadrinhos**. São Paulo: "L" & "PM," 1987."

OLIVEIRA, Fátima Oliveira de.; WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa et al. **Psicologia social contemporânea**, livro- texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Psicologia-social-contemporanea-Maria-da-Graca-Correa-Jacques.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2022.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Quadrinhos na educação: uma proposta didática na educação básica**. 2006. 183 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100272>>.

RAMOS, Paulo Eduardo. Pontos de fuga: registros do processo de alargamento do formato das tiras. **9ª Arte**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 85-103, 2014.

SOUSA, Maurício de. O ovo da discórdia. **Bidu**, São Paulo, Panini Brasil, 2. ed. p. 29-34, set. 2009.

SOUSA, Maurício de. Humberto vendendo sorvetes. **Almanaque do Cebolinha**, São Paulo, Globo, n. 11, 2. ed. p. 52-56, dez. 1990.

SOUSA, Maurício de. Humberto em: Aprendendo a falar com as mãos! **Mônica**, São Paulo, Globo, n. 239, p. 35-42, maio 2006.

SOUSA, Maurício de. Saiba mais! Inclusão social com a **turma da Mônica**, São Paulo, Panini Brasil, n. 48, p. 8-12, ago. 2011.

VERGUEIRO, Valdomiro. A odisseia dos quadrinhos infantis brasileiros: Parte 2: o predomínio de Maurício de Sousa e turma da Mônica. **Revista Agaque**, São Paulo, v. 2, nº 3, parte 2, ano II. Revistas USP, 1999.